

O ESTADO DE S. PAULO

PUBLICAÇÃO DA S.A. O ESTADO DE S. PAULO
 Av. Eng. Caetano Álvares, 55 - CEP
 02598-900 São Paulo - SP Caixa Postal 2439
 CEP 01060-970-SP. Tel. 3856-2122 (PABX)
 Fax Nº (011) 3856-2940

Das 'ideias arranjadas' à realidade inquietante

WASHINGTON
NOVAES

Diante da notícia de que, segundo o IBGE, a economia brasileira teve o pior desempenho desde 2009, com um crescimento de apenas 0,9%, o ministro Guido Mantega (*da Fazenda*) afirmou, categoricamente, que “a crise não bate na porta da família brasileira (...). Tivemos ótimo resultado de emprego. Os brasileiros estão adquirindo casa própria, automóveis. Para a população foi um ano de melhoria de condições de vida”.

Tudo depende dos ângulos pelos quais se queira ver as questões. Também a presidente da República havia dito algumas semanas antes (*Folha de S. Paulo*, 5/2) que até este mês de março “o governo terá retirado da pobreza extrema todas as pessoas que vivem nessa situação no País e que estejam cadastradas pelo governo”. E mais: “Tiramos, entre 2011 e 2012, mais de 19,5 milhões de pessoas da pobreza extrema” – ou seja, famílias com renda *per capita* mensal de até R\$ 70. O Brasil, conforme os dados governamentais, tem 13,5 milhões de famílias que recebem a Bolsa-Família (R\$ 70 mensais por pessoa), ou 50 milhões de pessoas que recebem R\$ 23,2 bilhões por ano. É muito, embora represente menos de 20% do que o próprio governo paga por ano aos bancos de juros da dívida. E embora R\$ 70 mensais por pessoa ainda estejam abaixo da “linha da pobreza” admitida pela Organização das Nações Unidas (ONU), que está em US\$ 2 por dia (US\$ 60 por mês ou R\$ 120 mensais).

De qualquer forma, ainda temos 2,5 milhões de pessoas “fora de programas sociais” e em extrema pobreza (*Folha de S. Paulo*, 16/2) – o que corresponde a uma vez e meia a população de Montevidéu. E os 50 milhões de pessoas com renda mensal até R\$ 70 são mais do que a população toda da Argentina, cinco vezes a de Portugal (10,6 milhões), mais que a da Espanha, quase tanto quanto a da Inglaterra. Na verdade, o Brasil ainda continua entre os países com maior desigualdade de renda no mundo (1% mais ricos da nossa população tem 17% de toda a renda). E teremos em duas décadas mais de 20 milhões de pessoas que se soma-

rão à população de hoje. Mas também é certo que em uma década nossa taxa de mortalidade infantil baixou quase para a metade do que era. Já a taxa de analfabetismo até 15 anos de idade caiu 30%. O esforço total significa que o governo federal está gastando 50,4% de suas despesas, ou R\$ 405,2 bilhões anuais (excluídas as da dívida), em programas, além do Bolsa-Família, como os de amparo ao trabalhador, previdência urbana e rural, seguro-desemprego, assistência, abono salarial, assistência a deficientes e idosos.

Mas não estamos sozinhos no barco das dificuldades. Diz a ONU que mais de 800 milhões de pessoas no mundo passam fome todos os dias e uns 40% da população mundial (2,8 bi-

Quem tem a fórmula mágica para superar a pobreza, se a descrença na política só cresce?

lhões de pessoas) vivem com renda abaixo da linha da pobreza. Quase metade dos habitantes do planeta não dispõe de saneamento básico, o que leva mais de 1 bilhão de pessoas a defecar ao ar livre todos os dias (mais de 600 milhões na Índia). Mas os pobres, embora sejam maioria, só consomem um terço dos alimentos produzidos, enquanto um terço é desperdiçado. Como vamos ter pelo menos mais 2 bilhões de pessoas, talvez 2,5 bilhões, até 2050, será preciso produzir mais comida. Como, se a agricultura já usa 70% da água disponível na Terra e teria de chegar a quase 90%, quando 1 bilhão de pessoas já não têm acesso a água de boa qualidade?

Não custa citar mais uma vez os números que o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) tem reiterado: os países industrializados, com menos de 20% da população mundial, consomem quase 80% dos recursos totais; as três pessoas mais ricas do mundo, juntas, têm tanto quanto o produto interno bruto (PIB) conjunto dos 48 países mais pobres, onde vivem 600 milhões de pessoas; as 257 pessoas mais ricas, com mais de US\$ 1 bilhão cada, juntas têm mais que a renda anual de 40% da humanidade. E os 500 milhões de pessoas

mais ricas (7,14% da população total) emitem 50% dos poluentes que causam mudanças climáticas. Um indiano consome 4 toneladas anuais de materiais, um canadense, 25 toneladas. Se se quiser chegar mais perto, o padrão médio de consumo de recursos dos paulistanos está 2,5 vezes acima da média global.

E assim vamos, aumentando as emissões de poluentes, elevando a temperatura do planeta, gerando cada vez mais “desastres naturais”. Como se vai fazer, se mesmo com tantos programas em toda parte não conseguimos reverter as tendências globais – ao contrário, enfrentamos cada vez mais dificuldades, com as crises econômico-financeiras na Europa e suas repercussões no mundo? “Nosso modelo econômico e social está esgotado”, tem repetido o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon. E a crise não se resolverá em menos de cinco anos, afirma a chefe do governo alemão, Angela Merkel (já há economistas que preveem até “um século” para superar o drama).

Utópicos acham que só poderá haver soluções com uma reforma global que conduza à equidade entre países e, em cada um, entre as pessoas. Mas como se fará, se isso depende de decisões políticas que englobem todos os países, com problemas, visões e urgências políticas extremamente diferenciadas? Como reconfiguraremos o mundo, se a descrença na política é cada vez maior, principalmente por aqui? Quem tem a fórmula mágica? Como diz o personagem de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, “uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto de se saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons...”.

É a equação que está diante de todos, hoje. Com as crianças à espera de respostas sobre um futuro inquietante. E quanto mais demorarem as respostas, mais difícil será.

*
 JORNALISTA
 E-MAIL: WLRNOVAES@UOL.COM.BR